

O rechaço ao pensamento

The rejection of thought

FLÁVIA DUTRA

Nosso século é menos o do triunfo da técnica que o da derrota e o da impotência do racional.¹

Alain de Libera, *sobre o séc. XXI*

RESUMO:

Proponho que o rechaço ao pensamento seja efeito do estabelecimento da ação como paradigma, junto à edificação das mitologias no séc. XIX. Este rechaço tem no Discurso do Mestre o seu veículo e, como resultados, o giro naturalista; a sociedade do desempenho; e a forclusão do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: pensamento – intelectualização – ação - giro naturalista – desempenho - sujeito.

ABSTRACT:

I propose that the rejection of thought is an effect of the establishment of action as a paradigm, together with the construction of mythologies in the 19th century. This rejection finds its vehicle in the master's Speech and, as a result: the naturalistic turn; the performance society; and the foreclosure of the subject.

KEY WORDS: thought – intellectuallization – action - master speech - naturalistic turn – performance - subject.

[...] que alívio e que benefício terem-se livrado por tão pouco, pois, uma vez desfeito esse erro e substituído pela convicção de que esse prurido era justamente, de fato, o que se chama pelo nome maldito de intelectualismo, quão reto enfim é o caminho, com que felicidade o pensamento encontra seu caminho para a natureza! – e porventura os movimentos de nossas vísceras não estão aí para nos assegurar isso?²

E é aqui que só podemos alarmar-nos com alguns ideais que parecem prevalecer na formação destes: como o que é suficientemente denunciado, posto haver direito de cidadania, pelo termo *desintelectualização*.³

¹ De Libera, A. (1999). *Pensar na Idade Média*. São Paulo: Ed.34. p. 177.

² Lacan, J. (1998). Situação da psicanálise em 1956. Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. p.486,487.

³ Idem. p.494.

Lacan denuncia aqui a desintelectualização como ideal de formação do analista. Neste mesmo texto, relata que alguns analistas diziam que suas análises haviam sido experiências de desintelectualização, numa homenagem prestada aos didatas.

[...] quero dizer aos que me ouvem em quê eles não de reconhecer os maus analistas: é no termo de que eles se servem para depreciar qualquer pesquisa técnica e teórica que siga a experiência freudiana em sua linha autêntica. Trata-se da palavra *intelectualização* [...]⁴

A investigação científica recebe a pecha de intelectualização.

Dos autores que investiguei – A. Koyré, K. Popper, J.Lacan, G. Steiner, G. Agamben, A. Eidelsztein, A. de Libera, B. Chul-Han – alguns denunciam o rechaço ao pensamento, à intelectualidade, à racionalidade, em tom de desabafo, outros o fazem de modo mais formalizado e outros, ainda, não o denunciam mas desenvolvem argumentos que ajudam a situar e articular o tema.

[...] **os psicanalistas resistem à ciência com ilogismo e obscurantismo, não somente pelo atraso e o rechaço à teoria**, mas por crer com firme convicção que o saber surge da experiência.⁵

Este livro tem entre seus objetivos a luta contra **duas formas de preconceitos solidários**, estreitamente dependentes um do outro e que nascem da mesma ignorância – **o anti intelectualismo e o etnocentrismo**; um que desvaloriza a vida do espírito, o outro que oculta os primeiros inícios e os atores verdadeiros.⁶

Os sintomas da Síndrome da Fadiga Informativa (IFS) ou seja, do cansaço da informação, incluem a **incapacidade de pensar analiticamente**. Tal síndrome é a incapacidade de concluir e inferir. Portanto, a massa de informação acelerada abafa o pensamento.⁷

Para Libera, o recrudescimento da astrologia, assim como a apelação das indústrias a videntes e os políticos que não saem às ruas sem seus magos de estimação, são exemplos desse repúdio ao

⁴ Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. p. 527.

⁵ Eidelsztein, A. (2015). *Otro Lacan*. Buenos Aires: Letra Viva. p. 102.

⁶ De Libera, A. (1999). Op.Cit. p. 9.

⁷ Chul-Han, B. (2016). *Por favor cierra los ojos*. Barcelona: Herder. Edición digital. p. 77. (tradução nossa).

pensamento. Libera, em sua denúncia, destaca um preconceito concomitante ao anti-intelectualismo: o etnocentrismo. É obra de ambos que grande parte do ocidente desconsidere o fato (ou não dê a devida importância a ele) de que o aristotelismo ocidental é, em larga medida, um empréstimo tomado aos árabes.⁸ A razão seria impropriamente dita ocidental.

Traço importante do etnocentrismo, que se evidencia também no ideal de desintelectualização dos analistas, apontado por Lacan: aquilo que arrisca romper uma suposta unidade é condenado e banido, para que se mantenha a consistência do uno, um chão firme onde pisar. Em ambos os casos, o proscrito é o Outro: o estrangeiro – o inconsciente, para os analistas.

A desconsideração ao que há de mais subversivo no ensino de Lacan parece ser efeito do mesmo fenômeno. E não é exclusivamente na rejeição à matemática e à topologia – pontos ressaltados por Eidelsztein – onde tal postura se manifesta na psicanálise. O rechaço ao pensamento se faz presente também na busca de regularidades entre Freud e Lacan, na ausência de debate, de discussão teórica e de crítica. Ou seja: o repúdio à matemática e à topologia na psicanálise faz parte de um movimento maior: o rechaço generalizado ao pensamento, à intelectualidade.

Como se estabeleceu o campo em que este rechaço se deu?

Quais coordenadas estão implicadas neste acontecimento?

Em relação à questão específica da psicanálise: o que **Isso pensava** na conjuntura da transmissão do ensino de Lacan e pode ter contribuído, ou determinado, o menosprezo por sua novidade, produzindo um retorno em marcha a ré ao freudismo? Retorno que quer converter a ambos, Freud e Lacan, corpo uno da psicanálise – e, sendo assim, fechado e morto. A Lacan restaria o lugar de um tradutor surrealista de Freud, que trouxe à baila seus conceitos com truques herméticos; ou o lugar de *enfant terrible* da psicanálise; de um autor de estilo *oulipiano* que conferiu à psicanálise uma cara mais moderna. Ou, ainda, de um psicanalista de vanguarda, uma vez que pensava à frente de seus contemporâneos.

Lacan, é preciso considerar, abre um flanco quando propõe um retorno a Freud. Este foi entendido como um retorno à verdade freudiana original, o que acabou por favorecer com que parte de seu ensino, justamente aquela que se destacava do modelo freudiano, figurasse como residual, hoje, no cenário psicanalítico.

⁸ De Libera. Op.Cit. p. 18.

A teoria lacaniana exige de seus leitores uma operação trabalhosa e contraintuitiva, uma reformulação no modo de pensar categorias fundamentais, físicas e metafísicas; nada menos que uma reforma no pensamento aristotélico, que é o nosso usual. Mais uma razão para o rebote de seu pensamento – o de Lacan – no meio psicanalítico e para o fracasso de seu ensino.

Algumas considerações sobre a questão do pensamento:

Nada, nem mesmo as explorações mais profundas da epistemologia ou da neurofisiologia, nos levaram além da identificação do pensamento com o ser, identificação que devemos a Parmênides. Este axioma permanece tanto a fonte quanto o limite da filosofia ocidental.⁹

A identificação do pensamento ao ser, consagrada pelo cogito cartesiano, está arraigada em nosso modo de pensar. Segundo Popper¹⁰ e Steiner¹¹: pensamos com o pensamento de Parmênides (e não com o de Aristóteles, como afirma Lacan em *Encore*). A estrutura do Sujeito, tal como propõe Lacan, contradiz este modo de pensar -que identifica o pensamento ao ser, – apreendê-la, portanto, exige um combate ao automatismo intuitivo que associa de imediato pensamento e ser; e isso suscita, no mínimo, resistências.

A estrutura do sujeito contradiz as intuições.¹²

Nosso modo de pensar, no ocidente, viveu a **crise dos fundamentos e o eclipse dos absolutos**.¹³ O cosmo finito e hierarquicamente ordenado – do pensamento antigo e medieval – regido pelos auspícios de Deus, foi substituído por um universo infinito e homogêneo. Essa mudança exigiu uma reformulação nas razões filosóficas e científicas, e em concepções fundamentais como as de movimento, espaço, matéria, saber e ser.

A perda dos absolutos – deus e as cosmologias finitas – e sua nostalgia engendraram as narrativas mitológicas do séc. XIX.

Qual pensamento é o objeto do rechaço?

⁹ Steiner, George (2007). *Diez (posibles) razones para la tristeza del pensamiento*. Madrid: Ediciones Siruela. Edición digital. p. 50. (tradução nossa).

¹⁰ Popper, K. (2008). *Conjecturas e refutações*. Brasília: UnB.

¹¹ Steiner, G. (2007). *Op.Cit.*

¹² Lacan, J. (1966). Entrevista con Pierre Daix. (tradução nossa).

¹³ Koyré, A. (2011). *Estudos de história do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Forense universitária. pp. 4 e 5

Para abordar esta questão é necessário fazer algumas considerações sobre o pensamento, propriamente.

Em que consistem a potência de pensar e a faculdade de pensar, na leitura que Agamben¹⁴ faz de Aristóteles? – que se distingue da leitura de Aristóteles que comumente é feita pelos modernos.

Há duas formas de potência. A potência positiva – potência de fazer alguma coisa – e a potência negativa: potência de não fazer, que se distingue do que entendemos normalmente por impotência. O pensamento tem, em seu fundamento, uma potência negativa. Potência, para Aristóteles, significa também possibilidade; e está ligada ao ato. O termo faculdade, que tem estreita relação com a potência, expressa o modo como uma certa atividade é separada de si mesma e é atribuída a um indivíduo – como a faculdade de ver, por exemplo, que se distingue do ver em ato. A faculdade é algo que atesta a presença do que falta ao ato. Ou seja: no ato de ver, falta o não ver, que se faz presente neste ato apenas em potência. A potência é, então, definida pela possibilidade de seu não-exercício. Posso não ver; que se distingue de: não posso ver. Potência articula-se à privação – que é a forma de negação da potência – e ato articula-se à presença ou exercício da potência.

Todo o poder agir do homem é um poder não agir; todo pensar é um poder não pensar. Para Agamben, potente é o que acolhe e deixa vir o não ser. A potência do não – não passar ao ato – não é o que entendemos comumente por impotência – ausência de toda potência. Daí conclui-se que toda potência humana, em sua estrutura originária, mantém-se em relação com sua privação; e assim é com a potência do pensamento.

Quando o pensamento pode passar ao ato, ele permanece ainda, de certa maneira, em potência. E pode pensar a si mesmo. Temos, assim, que o pensamento pode pensar a si mesmo, com a condição de conservar a potência do não pensar.

Se tivéssemos apenas a potência de pensar algo, o pensamento estaria disperso numa quantidade infinita de objetos. Seria impossível haver reflexão, pois a potência positiva, o excesso de positividade, só admite continuar pensando.¹⁵

A possibilidade de reflexão requer o tempo de concluir, que só acontece mediante a preservação da potência negativa.

Vejamos algumas formas de conceber o pensamento:

¹⁴Agamben, G. (2015). A potência do pensamento. Em *A potência do pensamento*. São Paulo: Autêntica. pp. 243 a 254.

¹⁵ Chul Han, B. (2015). *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Editora Vozes. Edição digital. p. 460.

1. Para um platônico, a verdade – que é divina – está alojada no interior da alma que pensa em conformidade com as ideias de Deus. É a alma que pensa! A verdade não está nas coisas mas nas ideias, que são divinas. Aqui o corpo pode até atrapalhar, porque se interpõe feito obstáculo entre a alma e a verdade.
2. Para um aristotélico, o mundo em si não muda, mesmo que o homem mude; por isso a verdade das coisas reside nas coisas mesmas, em sua natureza. A verdade não é acósmica. O mundo, para um aristotélico, não é um reflexo de Deus mas consiste numa natureza, ou num conjunto hierarquizado e bem ordenado de naturezas; conjunto muito estável e muito firme e que possui uma existência própria, que a possui por si próprio. Mesmo que esse mundo tenha sido criado por Deus, a existência pertence à criatura, não mais ao criador. O pensamento, para um aristotélico, começa pela percepção sensível das coisas materiais.
3. Para Averróis, o caráter não individual, impessoal do pensamento humano implica em uma negação: a negação da imortalidade. Para o averroísta quem pensa não sou eu, nem minha alma: é o intelecto agente, impessoal e comum a todos, que pensa dentro de mim. Do ponto de vista filosófico o averroísmo implica a negação da individualidade espiritual e rompe a unidade do homem.¹⁶
4. George Steiner, em continuidade com Schelling, associa o pensamento a uma tristeza incurável. A vida intelectual é uma experiência desta melancolia e a capacidade vital de se sobrepor a ela. Esta ideia carrega um **ruído de fundo** que é bíblico: a perda de uma felicidade inocente como punição ao ilícito da aquisição de conhecimento. Por positiva que seja a passagem do *homo* ao *homo sapiens*, o pensamento carregaria um legado de culpa. Esta seria uma das possíveis razões – ele elenca 10 – para a tristeza do pensamento.¹⁷
5. Para De Libera,¹⁸ o pensamento é uma questão de lugar, é o ponto em que se unificam o lugar onde se está, aquele de onde se vem e aquele para onde se vai.¹⁹
6. Para Lacan, o homem pensa com um instrumento. O instrumento que o homem utiliza para pensar é o pensamento de Aristóteles. Pensamos com o pensamento de Aristóteles.

O que ele (Aristóteles) afirma é que o homem pensa com-instrumento, hein? – com sua alma. Ou seja, como acabo de lhes dizer – eu poderia resumir isso rapidamente-

¹⁶ Koyré, A. (2011). Op.Cit. p. 40.

¹⁷ Steiner, G. (2007). *Diez (posibles) razones para la tristeza del pensamiento*. Madrid: Ediciones Siruela. Edición digital. p. 39. (tradução nossa).

¹⁸ Trabalhei este autor mais extensamente no texto "Sujeito e responsabilidade". Em *El rey esta desnudo n.8* <https://elreyestadesnudo.com.ar/portfolio/el-rey-estadesnudo-n-8/>

¹⁹ De Libera. Op.Cit. p. 327.

os mecanismos: os mecanismos supostos com que sustenta seu corpo. Naturalmente, prestem atenção, somos nós que estamos às voltas com os mecanismos, por causa da nossa Física, mas nossa Física, aliás, é uma Física indo pra garagem... Quero dizer, porque houve a Física quântica e, desde então, os mecanismos estão fora! [...] Então, o homem pensa com sua alma quer dizer que o homem pensa com o pensamento de Aristóteles, no que o pensamento está, naturalmente, do lado do manche.²⁰

A estrutura do Sujeito contradiz este modo de pensar – que identifica o pensamento ao ser –, apreendê-la, portanto, exige um combate ao automatismo intuitivo que associa de imediato pensamento e ser; e isso suscita, no mínimo, resistências.

A estrutura do sujeito contradiz as intuições.²¹

Lacan encontra na física quântica um modelo de pensamento não instrumental. Ele também tem um modo de pensar não aristotélico, assim como Santo Agostinho em seu modelo pericorético do mental.

Além dessas há outras formas de pensar não aristotélicas, que prescindem de instrumento?

Libera apresenta outras formas de pensamento não instrumentais, como a que propõe Heidegger, em seu discurso intitulado *Gelassenheit*, traduzido por **serenidade**. Neste discurso Heidegger anuncia que não se precisa mais do instrumento para pensar, não se precisa pensar com alguma coisa. Defende a ideia da alma serena em presença das coisas. O *lassen*, de *Gelassenheit*, é um deixar ser, deixar ir, deixar partir, abandonar. Além de Heidegger: Plotino, Dionísio, Angelus Silésius e Eckhart, pensam na mesma direção. Abandona tudo! É um lema de Plotino -também tomado por Eckhart. A lei do pensamento, segundo Eckhart, é uma lei de troca: quem sai de si próprio, libera um lugar para Deus em seu espaço interior. Para ele a própria imagem do mundo deve ser rompida, a experiência do pensamento não está ligada a nenhum modelo de inteligibilidade do universo; ela é o inteligível, uma **abertura ao secreto do mundo**, desde que se entenda por **secreto do mundo** que o universo seja inteiro sem porquê. O pensamento que não requer instrumento para pensar se retira de tudo, deixando ser todas as coisas, inclusive Deus. Deus e as coisas em uma involução mútua. Trata-se de uma superação do espaço mental aristotélico em direção a um pensamento sem sujeito, um ponto no

²⁰ Lacan, J. (2010). *Seminário 20 (1972-1973)*. Rio de Janeiro: edição não comercial da Letra Freudiana. Lição 11. 8/05/73 p. 230.

²¹ Lacan, J. (1966). Entrevista con Pierre Daix. (tradução nossa).

espaço-tempo não linear. O abandono implica em um pensamento em ato.²² Pensamento que não pensa mais com alguma coisa. Não é isso o que poderia descrever o **Isso pensa?** Um pensamento em ato, um pensamento que não pensa com um instrumento? O pensamento como onda, no qual a ideia de passado, presente e futuro em progressão linear se desfaz – uma vez que não conta com a materialidade dos elementos que o colocaria na linha daquela progressão. Que Isso pense em imissão de Outridade, postula um pensamento desapropriado; onde sujeito e Outro estão numa interioridade recíproca e onde do pensar se conclui que haja pensamento; e não, ser.

O que visou ressaltar, a partir dessas diferentes vertentes, é que, cada qual a seu modo, parece indicar que o pensamento se funda por uma negatividade. O objeto do rechaço recai sobre o pensamento mas talvez não seja ele próprio o rechaçado, e sim sua negatividade inalienável.

Paradigma da ação

Com o fim da Idade Média e o esgotamento de seu espírito se opera uma “substituição do teocentrismo medieval pelo ponto de vista do humano.”²³

Isto implica na substituição da salvação pela ação na modernidade. Como Deus – o fiador da imortalidade da minha alma – morreu, não tenho mais garantias de sua eternização. A salvação, deste modo, perde o sentido: tenho que apostar tudo nesta vida mesmo, me fazer aqui. Proponho chamar esta mudança da salvação para a ação de **Paradigma da ação**.

A significação do termo intelectual na Idade Média se relacionava à virtude, ao conhecimento e ao prazer.²⁴ O paradigma da ação opera uma mudança na significação deste termo na passagem da Idade Média para a Modernidade: o pensamento se opõe à ação, justamente porque é associado à passividade. E a passividade é um vício – muito mal visto em um mundo em que cabe a cada um fazer-se. Quem lê, não vive; este é um preconceito corrente.

A finalidade última do homem era a salvação, que precisava ser cultivada, e não analisada. Mais valia uma **vontade piedosa e boa do que uma inteligência vasta e clara**.²⁵

O paradigma da ação estabelece uma substituição da correlação entre ser e pensamento, para a correlação entre ser e ação, muito bem descrita na equação fundamental do quiasma da agência por Alain de Libera²⁶, que define uma equivalência entre os termos: sujeito = agência = eu. O sujeito

²² De Libera (1999). Op.Cit.

²³ Koyré, A. (2011). Op.Cit. p. 11.

²⁴ De Libera (1999). Op.Cit. p. 11.

²⁵ Koyré, A. (2011). Op.Cit. Citando Santo Agostinho. p. 10.

²⁶ De Libera, A. (2013). *Arqueologia do sujeito, Nascimento do Sujeito*. Vol. I. São Paulo: Fap-Unifesp.

agente faz sua entrada no cenário filosófico moderno. Tem-se aqui mais uma razão para o rechaço ao pensamento. Desde que ao homem coube fazer-se, a ação substituiu o pensamento.

Até se poderia pensar numa outra formulação do cogito: do penso, logo sou; ao ajo, logo sou.

A pessoa é definida como protagonista de uma ação. Ação maior consiste em fazer a si mesma. O *self made man* é obra do sistema de pensamento forjado pelo paradigma da ação. Não temos aqui uma dualidade pensamento X ação; é importante ressaltar que o paradigma da ação é, ele mesmo, um sistema de pensamento. O *self made man* sabe fazer, sabe fazer-se ser e é responsável, sobretudo, por seu sucesso e autonomia. A tristeza do pensamento vai na contramão deste homem bem-sucedido e penhorado à felicidade. Nietzsche bem avisou que, após a morte de Deus, a saúde se erigiria como uma deusa. Daí sobrevém uma deusa repleta de mandamentos que parecem, aos seus devotos, autoimpostos. Por todas as partes, o manual substitui o texto, numa clara confirmação da prevalência da ação sobre o pensamento. A literatura de auto ajuda é prova tanto da popularidade dos manuais como dos mandamentos “auto impingidos”.

No âmbito da clínica essa lógica se impõe em certas vertentes psicanalíticas: a clínica psicanalítica dirigida ao Real parece dominada pelo paradigma da ação, onde ato é tomado por ação. Uma intervenção no Real implica em que o analista faça coisas no lugar de falar, interpretar. O ato é hipostasiado, substancializado, ao se tornar ação.

Que haja algo que funde o ser, é certamente o corpo. Sobre isso Aristóteles não se enganou.²⁷

É surpreendente que na psicanálise se sustente que tudo se apoia no solo do cérebro ou no solo das tripas.²⁸

A clínica da ação não suporta a vertigem de se apoiar num buraco e se firma no que toma como substância original da subjetividade – o corpo – em um movimento de mão dupla: dá um corpo ao Real, ao localizá-lo no organismo; enquanto que este Real lhe serve de base onde acorrer-se. Substância gozante! Eis o naco de substância necessário para ampará-la!

Byung Chul-Han descreve a sociedade pós-moderna do trabalho como submetida ao imperativo de desempenho²⁹, característico de um mundo que se tornou pobre em negatividade e dominado por um

²⁷ Lacan, J.(2010). Op.Cit. p. 230.

²⁸ Eidelsztein, A. (2015). Op.Cit. p. 79. (tradução nossa).

²⁹ Sua tese tem como referência maior os seguintes autores: Agamben, Baudrillard, Ehrenberg, Esposito e Foucault.

excesso de positividade. A sociedade do desempenho redundando em cansaço; cansaço de fazer e de poder.

A tão propagada potência na sociedade do desempenho é, na verdade, impotência. A potência redundando em impotência uma vez que se sacrifica a potência do não, a potência do não fazer: a sociedade do desempenho, que cobra o êxito da autorrealização, implica em não mais poder não.

George Steiner nos lembra: se escutamos atentamente o tumulto do pensamento, encontramos dúvida e frustração; o que não cabe na positividade da sociedade do desempenho. Sob domínio do paradigma da ação, não se pode não agir. O pensamento que resta a este homem de ação é o pensamento positivo, redundante e substancializado. O pensar positivo é uma ação, e se equivale à impotência do pensamento, uma vez que não tem a potência de não pensar. Duvidar, cogitar ficam impedidos. Assim como fica também obstaculizada a investigação acerca do pensamento científico – como veremos adiante, com a proposta do giro naturalista para a filosofia da ciência.

Ora, há um fundamento de negatividade na possibilidade de pensar. Quando se nega esta negatividade fundamental, o pensamento é atravancado. O paradigma da ação, que tem fundamento positivo, barra, por óbvio, a negatividade. A sociedade do desempenho, sob a vigência do paradigma da ação, bloqueia a potência de não. Vedar a potência de não, resulta em tudo poder, em positividade absoluta. Sendo assim: a incapacidade de se estabelecer um impossível.

O Discurso do Mestre é o veículo do paradigma da ação. Este discurso gera ser e renúncia ao pensamento, na medida em que impõe uma positividade mandatória. O paradigma da ação é veiculado pelo **seja** imperativo deste discurso. Ser de um corpo que age.

O poder ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade de desempenho. O plural coletivo da afirmação *Yes, we can* expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho. No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação.³⁰

Mitologias

A decadência da teologia e do papel desempenhado pelos sistemas religiosos formais deixa um vazio tão considerável, ao ponto de George Steiner imputar à história política e filosófica do ocidente, nos últimos 150 anos, uma série de tentativas -mais ou menos violentas- de preencher este vazio.

³⁰ Chul Han, B. (2015). Op.Cit. p.173.

As mitologias suprem a vacância deixada pela teologia, funcionando como credos substitutivos. Ergue-se, assim, o império das mitologias, afinal Deus deve fazer falta; Deus como um dos nomes do Outro, como expressão de que a existência não é tudo. Deste modo, assumem como encargo o restabelecimento de valores dos quais dependem a coerência da vida do indivíduo e da sociedade. Valores tais como: a justiça social, o sentido da história humana, das relações entre mente e corpo, o lugar do conhecimento em nossa conduta moral. As mitologias equivalem a uma doutrina ou corpo de pensamento social, psicológico ou espiritual, que tem uma pretensão à totalidade.

Uma mitologia, neste sentido, é um quadro completo do homem no mundo.³¹

Popper afirma, sobre a psicanálise e o marxismo, que essas teorias pareciam explicar tudo, seu estudo parecia ter o efeito de uma conversão ou de revelação intelectual, de uma nova verdade a abrir os olhos dos recém iniciados.

Tal **revelação intelectual** transforma-se em cegueira dogmática quando deixa de ser interrogada, consagrando-se à mitologia. E, como **revelação**, convoca à adesão por fé. Steiner, na trilha de Popper, apresenta a psicanálise freudiana e o marxismo como mitologias que correspondem à nostalgia do absoluto, devido ao buraco deixado pelo fracasso das religiões. Steiner critica o modo como a psicanálise foi tomada, não promove aqui nenhum demérito a Freud. Ao contrário: considera Freud, como um dos intelectos e sensibilidades criativas mais potentes da raça humana.

Além da pretensão à totalidade, as mitologias têm como características um gênio fundador que lega textos canônicos, ortodoxia contra heresia, metáforas, gestos e símbolos cruciais – e, quem sabe, um dialeto?

Deste modo, as mitologias surgidas no Ocidente desde o começo do séc. XIX, mesmo que tenham se estabelecido como sistemas de crenças e arrazoamentos bastante antirreligiosos, mesmo que postulassem um mundo sem Deus, ainda assim sua estrutura (e aspirações e pretensões em relação ao crente) é profundamente religiosa em sua estratégia e efeitos. Tornaram-se semelhantes à teologia que pretenderam substituir.³²

Lacan parece concordar com Steiner quando afirma sobre Freud:

³¹ Steiner, G. (2011). *Nostalgia del Absoluto*. Madrid: Ediciones Siruela. Edição digital. p. 44. (nossa tradução).

³² Idem.

É assim que Freud re-salva o pai, no que ele imita Jesus Cristo, modestamente, sem dúvida.³³

É um dado notável, já bastante comentado, como algumas instituições psicanalíticas se assemelham a igrejas e como a teoria é tratada feito doutrina. Este funcionamento não faz outra coisa que transmitir e perpetuar a mitologia psicanalítica.

Giro Naturalista

O giro naturalista define a si mesmo como um retorno. Preconiza a ideia de **mundo como unidade natural** – talvez numa nostalgia daquele cosmo finito e hierarquicamente ordenado? O que se apresenta como novo neste giro é a proposta de um programa de naturalização da filosofia da ciência, com a intenção de redefinir a própria identidade da disciplina.

O naturalismo repudia a epistemologia popperiana. Popper estabelece para o fazer científico o procedimento racional a partir do método das tentativas – da conjectura e da refutação. Todas as leis e teorias científicas são essencialmente tentativas conjecturais, hipotéticas – mesmo quando não é mais possível duvidar delas. As observações são interpretações empreendidas à luz das teorias e são sempre seletivas: exigem um objeto, uma tarefa definida, um ponto de vista, um interesse especial, um problema.³⁴

O naturalismo propõe uma reorientação no estudo da ciência e na agenda de problemas em que esse estudo deve se deter. Busca **a verdadeira natureza da ciência moderna**. Para um naturalista, os modelos abstratos funcionam como enunciados que podem ter coerência interna, mas passam ao largo do mundo. A correspondência com o mundo é empírica, mesmo que parcial e imperfeita, e a verdade está na essencialidade da matéria, na contramão dos modelos abstratos. Propõe uma mudança do conhecimento para a prática na abordagem da ciência. Tendo em vista sua proposta, esse retorno poderia ser considerado como um retorno ao aristotelismo, uma vez que o espírito aristotélico é naturalmente orientado para as coisas. A verdade das coisas reside na natureza mesma das coisas. A verdade não é acósmica. E a gênese do pensamento está na percepção sensível.

Ora, é inescapável que o que tenha natureza seja suposto, é sempre com um suposto que lidamos. Assim acontece com a teoria. A teoria é, ela própria, um suposto. As ciências experimentais -que

³³ Lacan, J.(2010). Op.Cit. p. 228.

³⁴ Popper, K. (2008). *Conjecturas e refutações*. Brasília: UnB.

pensam instrumentalmente, com o *manche* de Aristóteles³⁵- condicionaram-nos a ver no fato, ou no acontecimento, a verdadeira realidade objetiva, como se o fato ou o acontecimento não fossem, eles mesmos, **linguageiros**. Não há outro modo de apreensão do acontecimento. Um fato é sempre de linguagem.

O mais urgente para o giro naturalista é a questão acerca de como estudar a ciência. Este movimento tem por compromissos centrais a reconexão da filosofia com as ciências, pela via da biologia, e o uso da informação empírica sobre o que é chamado de **prática científica real**. Há um combate à autonomia da filosofia da ciência e uma discussão sobre a sua substituição pela psicologia -alguns preveem, inclusive, seu banimento.

Um naturalista consequente, com efeito, reivindica a relevância da informação empírica e esta, supõe-se, deve prevalecer sobre qualquer ideia a priori, tanto sobre o empreendimento científico quanto sobre os sujeitos que são seus agentes. Foi assim que a informação empírica revelou que os sujeitos cognitivos não são mentes desencarnadas sem mais restrições que as da lógica formal; a afirmação da relevância epistemológica dessa informação é o que tem levado a substituir a epistemologia sem sujeito cognoscente pela epistemologia naturalizada.³⁶

A substituição da epistemologia sem sujeito cognoscente pela epistemologia naturalizada equivale a substituição de sujeito por cérebro.

Vejam o irônico:

O naturalismo não apenas rejeita o uso exclusivo do arsenal das técnicas filosóficas clássicas. Ele o rechaça junto com – ou precisamente por – o tipo de produtos que elas forneceram: produtos a priori tão distantes da realidade que não poderiam sequer funcionar como um ideal. O naturalismo propõe, em vez disso, como fonte mais frutífera, o estudo da prática científica real. Curiosamente, porém, essa fonte se reduziu ao uso de informações, recursos e modelos das próprias ciências – não surpreende, portanto, que as únicas versões do naturalismo academicamente consolidadas sejam a histórica, a cognitiva e a biológica.³⁷

³⁵ Lacan, J.(2010). Op.Cit. p. 230.

³⁶ Ambrogì, A. (1999). *Filosofia de la Ciencia: El giro naturalista*. Palma: Univrst. de les Illes Balears. p. 85. (tradução nossa).

³⁷ Ambrogì, A. (1999) Op.Cit. p. 97. (tradução nossa).

O naturalismo propõe, como fonte mais frutífera, o estudo da prática científica real. Ambrogi se surpreende com o fato de que esta fonte tenha se reduzido ao uso de **informação, recursos e modelos!** Ora, se não reencontramos aí o que tentaram expulsar: as conjecturas e as hipóteses!

Este é o *quid*: há algo que se interpõe entre nós e o mundo em que vivemos. As conceitualizações, as observações (como no princípio da incerteza) são atos de pensamento. Não há nenhum imediatismo inocente na recepção, por mais espontânea e impensada que possa parecer. As teorias sobre a cognição, sejam elas de Descartes, Kant ou Husserl, esforçam-se heroicamente para estabelecer um ponto de imediatismo impremeditado, um ponto em que o eu se encontra com o mundo sem qualquer pressuposição, sem nenhuma interferência de pressuposições psicológicas, corporais, culturais ou dogmáticas.³⁸

Esse ponto, em que o Eu se encontraria com o mundo sem qualquer pressuposição, descreve o objetivo da epistemologia naturalizada.

Poderíamos perguntar se o progresso científico e tecnológico não contraditaria o rechaço ao pensamento. O progresso científico e a evolução técnica são instrumentos cegos; não são, por si mesmos, produtores de mundos.³⁹ Produtor de mundo é o pensamento. Esta é, justamente, uma das ideias mais repudiadas pelo naturalismo: o pensamento produz um mundo ideal, que, muitas vezes, em nada reflete o **mundo real**. Portanto, o pensamento só poderia atrapalhar o acesso ao **mundo de verdade**, natural, ao mundo dado, cuja apreensão mais imediata é a sensível.

Trata-se, neste movimento, de um giro em direção ao animal humano.

Para concluir:

Apesar dos esforços de Lacan na reformulação do modo de pensamento aristotélico, a psicanálise foi tomada pelo paradigma da ação e pela instrumentalização do pensamento.

Não há nada que os psicanalistas de hoje tenham mais aversão do que o inconsciente, pois não sabem onde colocá-lo. Isso é compreensível, ele não pertence ao 'espaço euclidiano', é preciso construir-lhe um espaço próprio, e isto é o que faço hoje. Isso, os psicanalistas que não foram tocados pelo meu ensino não sabem. Então, preferem

³⁸ Steiner, G. (2007). Op. Cit. p.412. (tradução nossa).

³⁹ De Libera, A. (1999). Op.Cit. p. 236.

recorrer a noções tais como o eu, o supereu, etc... que são encontradas em Freud, mas que são igualmente homônimas a noções que já são usadas há muito tempo, de modo que usá-las permite voltar implicitamente a suas antigas acepções.⁴⁰

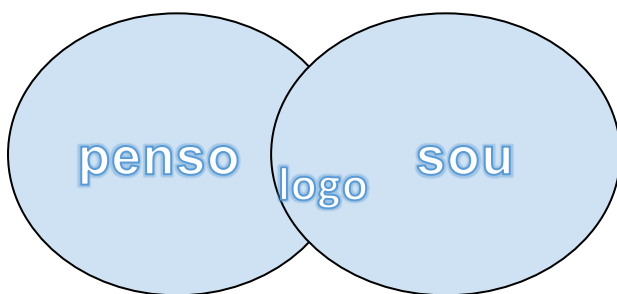
Voltar às antigas acepções é ao que enseja a ortodoxia dogmática. Tal é o trabalho de sustentação da mitologia: o retorno ao mesmo e o rigor em sua manutenção. O que foi banido não deve ser lembrado. Melhor esquecer. E assim se sacrifica a vida de espírito e a história. Fala aqui o ideal de uma natureza harmônica que mantém a coesão de seu corpo às custas do degrado do pensamento, do intelectualismo. Não querer saber nada disso compete para este anátema e o mantém.

Reatar com a herança esquecida, segundo Libera⁴¹, permitiria a reconexão com uma dimensão que faz parte dessa herança: uma busca coletiva, plural, da verdade e uma destinação intelectual e ética do homem.

Se o advento da ciência moderna foraclui a verdade, o giro naturalista foraclui o sujeito da enunciação, uma vez que a subjetividade que se depreende de seus marcos advém de um ordenamento natural, genético; é um dado irrefutável da natureza. O sujeito sujeitado ao evento, ao acontecimento, o sujeito que emerge entre significantes, é excluído pelo naturalismo. A moralidade e a ética, que são categorias que dependem do conceito de liberdade, tornam-se manifestações de dados genéticos.

O sistema de pensamento que rejeita o próprio pensamento concebe um mundo positivado em uma unidade real, natural, cuja apreensão mais imediata se dá pela experiência sensível. Tal assimilação é obstaculizada pelo pensamento, pela condição de assujeitamento à linguagem que desvirtua ou impede o acesso à verdade. Verdade que se alinha à substancialidade. O Naturalismo seria uma resposta deste sistema de pensamento que rejeita o pensamento mesmo.

O que é abjurado no pensamento é sua dimensão de negatividade alocada na intersecção do cogito, onde se escreve o *logo/ergo*; onde se aloja o não ser.⁴² O inconsciente é proscrito:



⁴⁰ Lacan, J. (1966). Entrevista con Pierre Daix. (tradução nossa).

⁴¹ De Libera, A. (1999). Op.Cit.

⁴² Lacan, J. (2008). *Seminário 14* (1966-1967). Recife: edição não comercial do Centro de Estudos Freudianos. Lição 7. p.117.

Foi esse abismo aberto ao pensamento de que um pensamento se fizesse ouvir⁴³ no abismo que provocou, desde o início, a resistência à análise. E não, como se costuma dizer, a promoção da sexualidade no homem. [...] O escândalo intolerável, na época em que a sexualidade freudiana não era santa, foi ela ser tão 'intelectual'.⁴⁴

Podemos concluir que o rechaço ao pensamento é dirigido ao inconsciente, uma vez que Isso pensa, sem ser! Efeito reativo de uma positividade que quer suplantar qualquer negatividade. Porque a dimensão de negatividade abre um abismo no pensamento – é esse abismo mesmo – e, nele, surge pensamento. Ter em conta o inconsciente é considerar a dimensão de não ser do pensamento; desconsiderá-la redundante em expor a própria psicanálise à autocontradição.

⁴³ Em francês também significa entender.

⁴⁴ Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. p. 527.

BIBLIOGRAFIA

1. Ambrogí, A. (1999). *Filosofía de la Ciencia: El giro naturalista*. Palma: Universitat de les Illes Balears.
2. Agamben, G. (2015). *A potência do pensamento*. São Paulo: Autêntica.
3. De Libera, A. (1999). *Pensar na Idade Média*. São Paulo: Ed.34.
4. De Libera, A. (2013). *Arqueologia do Sujeito, Nascimento do Sujeito*. Vol I. São Paulo: Fap-Unifesp.
5. Chul-Han, B. (2016). *Por favor cierra los ojos*. Barcelona: Herder. Edición digital.
6. Chul-Han, B. (2015). *Sociedade do cansaço*. Rio de Janeiro: Vozes. Edição digital.
7. Eidelsztein, A. (2015). *Otro Lacan*. Buenos Aires: Letra Viva.
8. Koyré, A. (2011). *Estudos de História do Pensamento Científico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
9. Lacan, J. (2010). *Seminário 20 (1972-1973)*. Rio de Janeiro: edição não comercial da Letra Freudiana.
10. Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
11. Lacan, J. Lacan. J. (1998). A situação da psicanálise em 1956. Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
12. Popper, K. (2008) *Conjecturas e refutações*. Brasília: UNB
13. Steiner, G. (2007). *Diez (posibles) razones para la tristeza del pensamiento*. Madrid: Ediciones Siruela.
14. Steiner, G. (2001). *Nostalgia del Absoluto*. Madrid: Ediciones Siruela.

FLÁVIA DUTRA

Psicanalista, sócia de APOLa internacional, residente em Brasília

E-mail: fgdutr@gmail.com